

Comparação de Dúvidas Sobre Sexualidade Entre Crianças e Adolescentes

Gabriela Denadai Mantovani¹

Bruna Tres²

Rosane Meire Munhak da Silva³

Cynthia Borges de Moura⁴

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo identificar as principais preocupações e curiosidades de crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade durante ações de educação sexual na escola. Participaram 190 adolescentes de 13 a 17 anos de 13 escolas estaduais e 300 crianças de 9 a 11 anos de 3 escolas municipais de Foz do Iguaçu, Paraná. Para a coleta de dados utilizou-se “caixas de perguntas” disponíveis durante e após aulas de educação sexual. As perguntas foram transcritas e categorizadas de acordo com a semelhança do conteúdo. As dúvidas coincidentes entre crianças e adolescentes foram sobre gravidez, mudanças corporais, sistemas reprodutores masculino e feminino e menstruação. Tais temas, embora coincidentes, apresentaram-se em maior frequência entre as crianças. Os adolescentes apresentaram alta frequência de dúvidas sobre comportamento sexual e DSTs. Conclui-se que as ações de educação sexual nas escolas deveriam ser suficientemente flexíveis para responder às dúvidas e curiosidades inerentes às diferentes faixas etárias.

Palavras-chave: Educação sexual. Criança. Adolescente.

¹ Hospital Ministro Costa Cavalcanti, Foz do Iguaçu/PR. gabi.dmantovani@gmail.com

² Hospital Erasto Gaertner, Curitiba/PR. bru.tres3@gmail.com

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu/PR. zanem2010@hotmail.com

⁴ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu/PR. cynthia-moura@hotmail.com

COMPARISON OF QUESTIONS ABOUT SEXUALITY BETWEEN CHILDREN AND ADOLESCENTS

Abstract

The aim of this study was to identify children and adolescents' main concerns and curiosities about sex and sexuality during the sexual education in school. The participants were 190 adolescents aged 13 to 17 years old from 13 state schools and 300 children aged 9 to 11 years old from 3 municipal schools in Foz do Iguaçu, Paraná. For the data collection "question boxes" were available during sexual education classes. The questions were transcribed and categorized according to the content similarity. Coincident doubts between children and adolescents were pregnancy, body changes, male and female reproductive systems and menstruation. These issues had a higher frequency among children. The adolescents had more doubts about sexual behavior and STDs. Sexual education in schools should be flexible enough to respond the doubts and curiosities according to the different age ranges.

Keywords: Sexual education. Child. Adolescent.

O desenvolvimento e o despertar da sexualidade são fenômenos típicos do início da adolescência (Maheirie et al., 2005). A transição da infância para a adolescência é um período marcado por intensas mudanças com o desenvolvimento físico ocorrendo paralelamente ao psicológico, como a busca da identidade e da autonomia, a forte identificação com o grupo de pares e o desenvolvimento do pensamento conceitual (Saito, 2001; Lunardelli, 2002).

A descoberta do prazer sexual ocorre nessa fase, porém a propagação constante na mídia do sexo e do erotismo tem propiciado a precocidade na curiosidade sobre temas sexuais. As crianças têm chegado à escola com preocupações e dúvidas sobre sexualidade oriundas dessas informações difusas e os adolescentes têm se exposto à iniciação sexual sem o devido preparo. Estas constatações têm colocado a escola como um espaço privilegiado para que crianças e adolescentes possam trazer e obter respostas aos seus questionamentos.

Neste sentido, este artigo apresenta uma análise das principais dúvidas sobre sexo e sexualidade que crianças no início da fase púber e adolescentes apresentaram durante atividades de Educação Sexual realizadas na própria escola. Salienta-se que a análise das dúvidas poderá revelar as principais preocupações e curiosidades para estas faixas etárias e prover aos educadores informações relevantes ao planejamento de ações educativas voltadas a ouvir e orientar tanto pré-adolescentes quanto adolescentes sobre a vivência saudável da sexualidade.

Sexualidade na Infância

Os discursos sobre a infância em geral reforçam a ideia de que a criança é um ser inocente e assexuado. A criança não é assexuada. Ela tem curiosidades a respeito do seu corpo e do corpo do outro, e sua sexualidade é construída de formas distintas – no que fala e ouve; nas brincadeiras com papéis sexuais; em diversos grupos sociais – na família, na escola, na igreja e na comunidade. Essa

visão da infância assexuada por muito tempo norteou as práticas familiares e educacionais, deixando de lado questões relacionadas à sexualidade da criança (Walkerdine, 1996; Britzman, 1999).

Resultados de pesquisa realizada por Ribeiro (2006) sobre a construção da sexualidade e da identidade de gênero entre crianças de 7 a 14 anos de idade, mostraram que as famílias e, inclusive as crianças, entendem a sexualidade como obscenidade, “maldade”, uso pornográfico ou indecente do corpo, manifestação lúdica recheada de sacanagem, algo não sério e que deve ser mantido em segredo entre os adultos.

Esta mesma autora encontrou, ainda, na amostra pesquisada, que, a partir dos sete anos, os adultos começam a perceber um interesse maior das crianças pelas questões sexuais, e neste momento as famílias começam a separar as crianças por sexo, redobrando os “cuidados” com as meninas. Já os meninos são distanciados das meninas para não sofrerem a pressão social de serem estigmatizados como “boiolas” ou “veados”, além de terem de dar demonstrações de virilidade, mostrando que compartilham do mundo masculino. Os meninos também são reprimidos em suas demonstrações emocionais, como chorar, receber afeto e se deixar dominar pelas meninas.

Diante da diversidade de concepções familiares sobre o assunto, a escola se vê no papel de discutir o tema de forma séria e aberta com os alunos (Suplicy et al., 1999). Mesmo no contexto escolar, no entanto, discute-se em qual série ou idade se deve começar a tratar de assuntos sobre sexualidade, como as mudanças corporais e as identidades de gênero e sexuais (Ribeiro; Souza; Souza, 2004), e se essas informações fazem parte mesmo dos conteúdos escolares e da responsabilidade da escola. Muitos pais e professores ainda apresentam a concepção de que, ao se falar sobre o assunto, as crianças seriam despertadas precocemente para a sexualidade e estimuladas a práticas sexuais precoces. Essa ideia retarda as ações de educação sexual, pois não há consenso sobre a necessidade de se abordar esse assunto nesta faixa etária.

Bardi e Campos (2004) questionaram professores sobre quais tópicos eles considerariam relevantes para serem desenvolvidos em cada série dos anos iniciais. Os professores responderam que para a primeira série os tópicos seriam “corpo” (32,72%) e “higiene e saúde” (25,45%); para a segunda série “higiene e saúde” (27,14%) e “diferenças entre os sexos” (25,45%); para a terceira série “higiene e saúde” (18,05%); e para a quarta série “DSTs/aids” e “gravidez e parto” apareceram com maior frequência.

Brandão (1995), avaliando o nível de conhecimento de pré-adolescentes e adolescentes de baixa renda entre 11 a 19 anos sobre sexualidade, verificou que, quanto ao conhecimento das estruturas anatômicas, os adolescentes conseguiram identificar o pênis (82,9%), a bolsa escrotal (46%) e a vagina (40,8%), e apresentaram maior dificuldade em identificar as trompas (21%), útero (19,7%) e ovários (9,2%). Nenhum participante apresentou conhecimento adequado sobre menstruação. Estudos mostram que, mesmo vivenciando alterações importantes, tanto pré-adolescentes quanto adolescentes não têm informações e orientações corretas no contexto escolar. Bruno et al. (1997) encontraram em seu estudo idade média da menarca de 12,4 anos e da semenarca de 12,2 anos (exatamente a fase de entrada na adolescência), mas apenas 12,3% relataram ter tido orientação escolar para entender as modificações que estavam ocorrendo em seus corpos.

Gomes et al. (2002), em estudo realizado entre pré-adolescentes de 10 a 14 anos de escolas públicas com o objetivo de avaliar o nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade, encontrou grau de informação insatisfatório nas idades de 10 a 11 anos, indicando necessidade de ações educativas sobre saúde e sexualidade já no final da infância/início da adolescência.

Adolescência e Sexualidade

Fato marcante da adolescência, em nossa sociedade, é o início prematuro da vida sexual (Beserra; Pinheiro; Barroso, 2008). Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (1994), grande parte dos adolescentes torna-se sexualmente ativo antes dos 20 anos. Trajman et al. (2003) e Belo e Silva

(2004), verificaram, em seus estudos, média de idade da primeira relação sexual de 15 e 16 anos, respectivamente. Como a capacidade reprodutiva tem início mais cedo, com a menarca e a semenarca, há uma maior exposição aos riscos de infecção pelas DSTs como também uma gravidez indesejada (Brasil, 2003 apud Camargo; Ferrari, 2009).

Dados da Organização Pan-Americana de Saúde – Opas – (Carvalho; Rodrigues; Medrado, 2005) revelam que 40% dos adolescentes brasileiros iniciam sua vida sexual até os 15 anos de idade e que aproximadamente 20% das mulheres pertencentes à população urbana e 28% da zona rural tiveram seu primeiro filho antes dos 20 anos. Abramovay et al. (2004) registraram mais de 550.000 jovens entre 15 e 24 anos portadores de HIV/aids na América Latina e Caribe.

A iniciação sexual precoce é fruto, muitas vezes, da empolgação e do momento. Esse comportamento nem sempre vem acompanhado de informações sobre o funcionamento do próprio corpo, sobre os métodos anticoncepcionais ou sobre o uso correto desses métodos (Ferreira; Galvão; Costa, 2000). O acesso à informação nem sempre está disponível, e poucos são os que sabem antes da “primeira vez” o que é planejamento familiar ou métodos contraceptivos. Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) observaram que a iniciação sexual precoce, associada ao baixo índice de informação, tem feito dos adolescentes um grupo de alta vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), aids e gravidez não planejada.

No estudo de Muza e Costa (2002), nenhum adolescente do sexo masculino soube descrever a utilização de um método contraceptivo de uso feminino. Segundo esse mesmo estudo, quando os adolescentes foram indagados sobre o uso da camisinha, as falas, em geral, evidenciaram muitas dúvidas no modo de utilização, começando pela forma de abertura da embalagem. Em outro estudo, Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) apresentaram vários métodos contraceptivos a adolescentes, e apenas o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional eram amplamente conhecidos.

Na pesquisa de Freitas e Dias (2010) sobre as percepções de adolescentes sobre sua sexualidade, os adolescentes apresentaram curiosidade nas formas de fazer sexo, perguntando o que é sexo oral, se engravida fazendo sexo anal, se a “gosma” do homem pode engravidar. Também se preocupavam em como prevenir as DSTs e a gravidez na adolescência.

Algumas pesquisas mostram que as adolescentes engravidam entre o primeiro e sexto mês em que começam a ter relações sexuais. Esse fato, muitas vezes, é consequência de atividade sexual não assistida, de falta de informações, uso incorreto de contraceptivos, entre outros, tudo isso associado às características próprias da adolescência, como o pensamento mágico, em que acreditam que certas coisas não vão acontecer com eles apesar das situações de risco em que se envolvem (Gonçalves; Godoi, 2003).

No estudo de Maheirie et al. (2005), o grupo de adolescentes pesquisados afirmou que a menina é responsável apenas pela contracepção e o garoto corresponsável apenas na prevenção das DSTs/aids. Segundo Paiva (2000), os adolescentes ignoram a informação de que tanto a gravidez quanto a contaminação pelo HIV podem ser produto da mesma relação sexual, da mesma decisão ou falta dela em relação ao risco, ou seja, tanto a menina quanto o menino devem se prevenir da gravidez e das DSTs/aids.

Em pesquisa realizada por Fernández et al. (2000) no Chile, adolescentes de 11 a 17 anos afirmaram que os pais devem ensinar seus filhos sobre sexualidade, 89,3% desses adolescentes falaram que os pais deveriam se encarregar da educação sexual; os professores ficaram em segundo lugar neste estudo.

A Educação Sexual na Escola

Freitas e Dias (2010) creem que a escola, por seu papel fundamental na educação da criança e do adolescente, seja o espaço mais propício para os profissionais desenvolverem a sistematização desse conhecimento/aprendizagem. As ações educativas voltadas para os adolescentes devem contemplar a saúde

sexual e reprodutiva, dúvidas e medos acerca da temática abordada e, além de tudo, se adequar ao contexto cultural ao qual estão inseridos, pois as estratégias devem condizer com sua realidade para que sejam efetivas (Beserra; Pinheiro; Barroso, 2008).

É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. A orientação sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais e também compartilhar suas preocupações e emoções (Suplicy et al., 1999).

Pesquisas têm mostrado, no entanto, que a prática está longe deste ideal. Em estudo realizado por Cançado (2007) quanto á frequência anual de informação sobre sexo e sexualidade na escola, os participantes responderam: “duas vezes” (31,5%), “nunca teve” (27,1%) e “não sei” (21,9%). Por outro lado, quando são realizadas, tais ações são alvos de críticas em razão da falta de continuidade e monotonia. As informações, no âmbito escolar, têm estado distantes das vivências e das emoções dos alunos, sendo avaliadas como desinteressantes ou não apropriadas, o que reduz sua efetividade quanto ao objetivo de disseminação de informações sobre prevenção (Abramovay; Castro; Silva, 2004).

Há uma lacuna que ainda necessita ser preenchida pela educação sexual nas escolas. Há necessidade de uma educação sexual permanente, começando desde a infância, abordando temáticas de acordo com a idade e com as dúvidas que eles começam a apresentar. É importante conhecer as curiosidades e os questionamentos, assim como as informações incompletas para que se possam abordá-las nas ações de educação sexual. Os contextos de desenvolvimento de crianças e adolescentes devem assegurar o direito a uma educação que promova sua condição de ser em formação, de conhecer seu corpo e desenvolver sua sexualidade, de expressar sua orientação afetivo-sexual, de dizer não a toda forma de abuso e exploração sexual (Conselho..., 2009).

A partir do exposto, este artigo tem como objetivo identificar similaridades e diferenças entre as preocupações e curiosidades de crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade. Espera-se, com o estudo, promover informações relevantes ao planejamento das ações educativas, verificando as principais questões a serem abordadas em programas de educação sexual em diferentes faixas etárias.

Método

A Secretaria de Saúde do município de Foz do Iguaçu-PR, por meio do Programa DST/aids e Hepatites, desenvolve o Programa “Adolescente Multiplicador” desde 2008. É um programa de educação sexual feito pelo e para o próprio adolescente em sua escola, e foi criado pelo Ministério da Saúde em 2000. No ano de 2011 foi firmada parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Foz do Iguaçu, com o objetivo de sistematizar as ações educativas nas escolas participantes. Paralelamente, duas escolas municipais solicitaram à mesma equipe da universidade um trabalho de educação sexual com as crianças do quinto ano do Ensino Fundamental.

Ressalta-se que este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla e seguiu os preceitos éticos para a realização de pesquisa com seres humanos, a qual foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob o parecer 289/2011. O trabalho com as crianças e com os adolescentes adotou um formato psicoeducativo, com atividades vivenciais e informativas, planejadas para gerar reflexão, sensibilização e modificação de informações, crenças e comportamentos.

Foram sujeitos do estudo 300 crianças com idades de nove a 11 anos de três escolas municipais de Foz do Iguaçu-PR, sendo alunos do quinto ano do Ensino Fundamental, e 240 adolescentes de 13 a 17 anos estudantes de 15 colégios estaduais dos sétimos anos do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, moradores de Foz do Iguaçu, Paraná. Não se caracterizou a distribuição exata em relação à idade e sexo em virtude do formato sigiloso da coleta de dados.

O estudo com as crianças estruturou-se em quatro encontros de uma hora, dividindo as crianças em turmas para enfatizar os seguintes temas: 1) higiene corporal e higiene íntima; 2) sistema reprodutor masculino e feminino; 3) ciclo menstrual; 4) sexo e gravidez; 5) formas de contágio e prevenção da aids.

O estudo com os adolescentes estruturou-se em cinco encontros de quatro horas, totalizando 20 horas, nos quais se efetuou o treinamento dos adolescentes para atuação como multiplicadores em suas escolas. Os assuntos abordados foram: 1) adolescência e orientação sexual; 2) mudanças corporais, sistema reprodutor masculino e feminino; 3) ciclo menstrual; 4) métodos contraceptivos, gravidez e aborto; 5) DSTs e aids.

Durante as atividades de educação sexual com as crianças e com os adolescentes, foram disponibilizadas “caixas de perguntas”, nas quais poderiam anonimamente depositar suas dúvidas por escrito para posterior esclarecimento. As caixas permaneciam em local discreto, mas de fácil acesso na sala e, sempre ao início das atividades, eram distribuídos aos participantes papel e caneta para que pudessem anotar as dúvidas que não quisessem realizar oralmente. As caixas permaneciam disponíveis também nos intervalos entre os encontros. Como última etapa do trabalho psicoeducativo programado, as caixas foram abertas e as perguntas lidas e respondidas aos participantes.

As perguntas colocadas nas caixas pelas crianças e adolescentes foram objeto de análise de conteúdo e classificação em categorias, conforme propõe Moraes (1999), com base na proposta original de Bardin (1977). Deste modo, foram analisadas 169 perguntas das crianças e 148 dos adolescentes. Após leitura prévia do material, foram elaborados critérios para a classificação das perguntas de acordo com o assunto que abordavam.

Resultados

As perguntas foram categorizadas por dois juízes independentes e as discordâncias foram resolvidas por um terceiro juiz. Posteriormente foram quantificadas em termos de frequência e porcentagem.

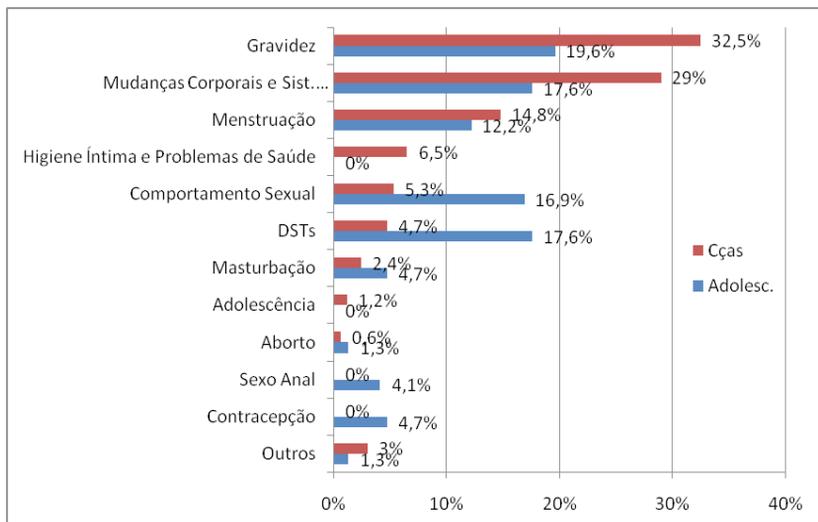
Quadro 1 – Categorias e critérios de classificação das perguntas analisadas

| CATEGORIA <i>CRITÉRIO (categoria incluiu perguntas sobre...)</i> | <i>Exemplos de perguntas das crianças</i> | <i>Exemplos de perguntas dos adolescentes</i> |
|--|--|--|
| Adolescência O que é a adolescência, mudanças comportamentais da adolescência. | O que é puberdade? Porque as pessoas ficam mais radicais e bravas na fase da adolescência? | -- |
| Higiene íntima e problemas de saúde Como proceder a higiene íntima, cuidados com higiene quando se está menstruada. | Porque temos que lavar a vagina? Se não trocar o absorvente o que acontece? | -- |
| Mudanças corporais e sistema reprodutor masculino e feminino Anatomia dos sistemas reprodutores, diferenças corporais entre meninos e meninas. | Quanto tempo leva para acontecer a mudança do corpo humano? O que é útero? Porque os homens têm mais pelos que as meninas? O que é espermatozoide? | O que é hímen? E onde fica antes de ser rompido? Como são gerados os espermatozoides? Qual motivo do corpo da mulher ser diferente do corpo do homem? |
| Gravidez Como se engravida, processo da gestação, tipos de parto, DSTs e outros problemas na gestação. | O que é fecundação? O pênis com a vagina faz um bebê? Como a mulher engravida? Quando menstrua já pode ter bebê? Em volta de quantos anos nós podemos engravidar? | Sexo na primeira vez pode engravidar? É verdade que a menina pode ter filhos antes da menstruação? Por que quando a mulher tem relação sexual quando está menstruada ela não tem muita chance de engravidar? |
| Contraceção Quando pode começar a utilizar o contraceptivo, consequências do uso, dúvidas sobre camisinha. | -- | A partir de que idade pode começar a tomar o anticoncepcional oral ou injetável? Caso a camisinha estourar, o que fazer? Tomar pílula do dia seguinte? Colocar a camisinha da mulher dói? |
| Aborto O que acontece ao realizá-lo (perigos), quando se pode realizá-lo. | O que acontece se abortar o bebê? | -- |
| Menstruação O que é, como ocorre, por que ocorre, tempo de duração, sintomas, menarca e menopausa, se ocorre durante a gestação, menstruação e relação sexual. | O que é menstruação e de onde sai? A menopausa surge a partir de quantos anos? É verdade que quando a mulher tem bebê não vem menstruação? As meninas menstruam e os meninos o que acontece com eles? | Com que idade a menina começa a menstruar e quando para? Por que as meninas têm cólicas? A TPM é uma doença? |

| | | |
|--|--|---|
| <p>DSTs Formas de transmissão, prevenção e tratamento.</p> | <p>Quando uma pessoa tem aids e faz sexo com outra, o que acontece? Como transmitimos a aids? Quando a mulher tem aids o bebê nasce com a doença?</p> | <p>Como podemos nos prevenir das DSTs? Qual é a maior prevenção para o homem e a mulher? Sexo oral pega algum tipo de DST? Tem alguma doença que pega mesmo usando preservativo?</p> |
| <p>Masturbação O que é, para que serve, se causa mudanças no corpo.</p> | <p>O que é a masturbação? Masturbação faz bem pro corpo?</p> | <p>As pessoas se masturbam pra sentir prazer? Como que as mulheres se masturbam? Muda alguma coisa no corpo da pessoa se acaso ela se masturba com excesso?</p> |
| <p>Sexo anal Dúvidas sobre prevenção de doenças, por que as pessoas praticam, se causa doenças.</p> | <p>--</p> | <p>Qual a diferença entre sexo anal e oral? Para fazer sexo anal é necessário usar camisinha?</p> |
| <p>Comportamento sexual Orientação sexual, quando iniciar a vida sexual, como identificar a pessoa certa, virgindade, orgasmo.</p> | <p>Quando o homem beija a mulher o que acontece? O que significa virgindade? Pra que fazer sexo? A mulher usa camisinha?</p> | <p>Com quantos anos seria adequado começar a vida sexual? O que é orgasmo? Quais os sentimentos que podemos sentir nesta hora e quais suas características? Quando as meninas perdem a virgindade e tem medo de contar para os pais, e confia mais nas amigas, o que ela pode fazer para contar para os pais?</p> |
| <p>Dúvidas diversas Outros assuntos tais como: exame preventivo de câncer de colo de útero, relação sexual entre adulto e criança, etc.</p> | <p>O que é papanicolau? O que acontece se uma menina de 12 ou 15 anos fizer sexo com um adulto? Quando as meninas é mais pequena por que dói a vagina?</p> | <p>O médico é capaz de saber quantas vezes nós tivemos relação sexual? Tem algum remédio para fazer o homem não gozar?</p> |

Os resultados mostraram que a frequência com que as dúvidas sobre sexo e sexualidade aparecem pouco divergentes nas diferentes faixas etárias, porém muitos temas são coincidentes, conforme se pode observar na Figura 1.

Figura 1 – Porcentagem de perguntas das crianças e adolescentes por categoria analisada



As crianças apresentaram mais dúvidas sobre: gravidez (32,5%), tais como o que é fecundação e como acontece, como se fica grávida, se criança pode engravidar, se engravida antes de menstruar, entre outras; mudanças corporais e sistema reprodutor masculino e feminino (29%), tais como o que é útero, o que é testículo, por que homem tem pênis e mulher tem vagina, por que só mulheres têm seios; e menstruação (14,8%), tais como o que é menstruação e de onde sai, por que a menina menstrua, qual é a idade que menstrua e com quantos anos a menina para de menstruar.

Os adolescentes também apresentaram dúvidas sobre gravidez, embora em menor porcentagem (19,6%), perguntando se sexo na primeira vez engravida, qual o período que a mulher pode engravidar, se pessoas do mesmo sexo transarem pode engravidar, se homem engravida; mudanças corporais e sistemas reprodutores masculino e feminino (17,6%), tais como localização do hímen, qual o tamanho normal do pênis, como são gerados os espermatozoides, porque

o corpo do homem e da mulher são diferentes; e menstruação (12,2%), tais como em qual idade a menina começa a menstruar e quando para, por que acontece a menstruação, se pode transar quando está menstruada, por que ocorre a cólica.

Os adolescentes apresentaram questionamentos sobre comportamento sexual (16,9%), perguntando sobre qual a idade adequada para iniciar a vida sexual, como saber quem é a pessoa certa, o que fazer quando não quer fazer sexo mas o parceiro quer, como contar para os pais que perdeu a virgindade; e DSTs (17,6%), perguntando como se prevenir, se sexo oral pega DST, como pega a aids, entre outros. Ressalta-se que nestes temas as crianças apresentaram baixa porcentagem de dúvidas (5,3% e 4,7%, respectivamente).

Discussão

Atualmente não há mais dúvida que é responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral da criança e do adolescente, e que discutir a sexualidade faz parte deste objetivo. Qualquer trabalho, seja com crianças ou adolescentes, deve partir das dúvidas e temas emergentes entre crianças e jovens, contemplando, além das informações, a discussão sobre as atitudes das pessoas ante a sexualidade (Moizés; Bueno, 2010).

A presente pesquisa mostrou a gravidez como principal tema de curiosidade para as crianças e para os adolescentes, principalmente sobre como e quando é possível engravidar. As crianças têm mais dúvidas sobre o “como” se engravida, enquanto adolescentes querem saber mais sobre “quando” pode ocorrer uma gravidez. Cañado (2007), avaliando os conhecimentos sobre sexo e sexualidade entre adolescentes, encontrou porcentagem significativa de erro na relação entre ciclo menstrual e gravidez. Camargo e Ferrari (2009) também verificaram, em seu estudo, que 51,1% dos meninos e 27,8% das meninas não sabiam o período do mês em que uma garota pode engravidar.

A segunda dúvida mais frequente foi sobre as mudanças corporais e a anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino. É compreensível que crianças apresentem desconhecimento sobre as estruturas que formam os aparelhos reprodutores e seus gametas, além das diferenças corporais entre homens e mulheres. Para os adolescentes, porém, a falta de conhecimento sobre o próprio corpo pode representar um obstáculo para que avaliem a normalidade das próprias mudanças e solicitem ajuda e/ou orientação dos adultos, quando necessário. Para Freitas (2012), a informação coerente tem impacto direto sobre o autocuidado dos adolescentes, diminuindo comportamentos de risco.

Crianças e adolescentes apresentaram dúvidas sobre menstruação: o que é, de “onde sai”, com que idade ocorre a primeira menstruação e quando termina, se pode transar ou não quando a mulher está menstruada. Dúvidas semelhantes foram encontradas em outros estudos. Beserra, Pinheiro e Barroso (2008) encontraram dúvidas sobre o período fértil, e no estudo de Freitas e Dias (2010) ocorreram dúvidas sobre a existência de problemas em se ter relação sexual antes de menstruar. Esses achados mostram que tais assuntos, mesmo sendo parte dos conteúdos básicos de educação sexual nas escolas, necessitam ser constantemente revisados para que as informações sejam mais bem assimiladas.

As dúvidas mais expressivas entre os adolescentes foram referentes ao comportamento sexual, contágio e prevenção das DSTs. Os adolescentes demonstraram querer discutir sobre o comportamento e as atitudes diante da sexualidade. A falta de um espaço aberto para estas discussões, aliado à ausência de conhecimento ou informações distorcidas sobre esses temas, aumentam a vulnerabilidade dos adolescentes e dificultam as tomadas de decisão, levando-os a iniciarem a vida sexual desprotegidos, expondo-se ao risco de uma gravidez indesejada ou contágio por doenças que desconhecem.

Quanto ao uso de preservativos, estudos com adolescentes encontraram atitudes insatisfatórias. Em geral, afirmam que não usam, pois consideram que o preservativo interfere no prazer sexual e que nem sempre está disponível no momento em que precisam (Boruchovitch, 1992). O estudo de Camargo e Ferrari (2009), embora mais recente, apresentou resultados semelhantes. Eles encontra-

ram que apenas 53% dos meninos e 46,3% das meninas tinham conhecimento sobre o uso do preservativo, que a DST mais conhecida era a aids e que poucos tinham conhecimento sobre outras DSTs e suas formas de contágio.

Considerando que ambos os grupos passavam por atividades de educação sexual no momento em que depositavam suas dúvidas nas caixas de perguntas, e que o fizeram provavelmente por vergonha de perguntar em público, tais dúvidas aqui demonstradas deveriam ser abordadas com maior ênfase nas atividades de educação sexual para que um maior número delas seja sanado pelas próprias ações educativas. Dúvidas das crianças sobre gravidez, mudanças corporais e menstruação, precisam ser abordadas de forma direta e consistente para que não persistam com intensidade na adolescência, assim como outros assuntos de interesse desta faixa etária, por exemplo o comportamento sexual.

Conclusão

As ações de educação sexual nas escolas deveriam ser suficientemente flexíveis para responder às dúvidas e curiosidades inerentes às diferentes faixas etárias. Tanto crianças quanto adolescentes deveriam poder perguntar livremente, falando ou escrevendo, porque mesmo que o professor explique abertamente, nunca será capaz de responder a todas as inquietações. Perguntas e respostas “soam” de forma diferente para cada indivíduo e muitas repetições podem ser necessárias para ampla compreensão.

Percebe-se que, além de conhecer as inquietações de crianças e adolescentes, pesquisas futuras poderiam testar diferentes propostas de abordagem das questões de sexualidade nas escolas, com as diversas faixas etárias. Talvez variadas metodologias tenham maior ou menor impacto no comportamento de autoexposição dos mesmos, e assim alguma proposta metodológica se mostre superior quanto aos efeitos sobre minimizar as dúvidas e fortalecer o conhecimento sobre o assunto. Informações corretas e adequadas protegem crianças e adolescentes de comportamentos de risco, e os colocam numa posição mais consciente e ativa quanto ao autocuidado na vivência da própria sexualidade.

Referências

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO M. G.; SILVA, L. B. *Juventude e sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004. 428 p.
- BARDI, J.; CAMPOS, L. M. L. *Produção de materiais didáticos para temas de orientação sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual Paulista – Unesp, Botucatu, SP, 2004.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.
- BELO, M. A. V.; SILVA, J. L. P. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Revista Saúde Pública*, v. 38, n. 4, p. 479-487, ago. 2004
- BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. C.; BARROSO, M. G. T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 12, n. 3, p. 522-528, jul./set. 2008.
- BORUCHOVITCH, E. Fatores associados a não utilização de anticoncepcionais na adolescência. *Revista Saúde Pública*, v. 26, n. 6, p. 437-443, dez. 1992.
- BRANDÃO, L. G. A avaliação do nível de conhecimento dos adolescentes do parque ouro branco sobre sexualidade. *Semina*, v. 16, p. 59-68, set. 1995.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 85-111.
- BRUNO, Z. V. et al. Sexualidade e anticoncepção na adolescência: conhecimento e atitude. *Reprodução e Climatério*, v. 12, n. 3, p. 137-40, 1997.
- CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 3, p. 937-946, maio/jun. 2009.
- CANÇADO, A. E. L. *Avaliação dos conhecimentos e conteúdos curriculares sobre sexo e sexualidade de adolescentes nas escolas públicas de Pitangui-MG*. 2007, 162f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.
- CARVALHO, A. M.; RODRIGUES, C. S.; MEDRADO, K. S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 10, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Serviço de proteção social a crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual e suas famílias: referências para a atuação do psicólogo*. Brasília: CFP, 2009. 92 p.

- FERNANDEZ, F. et al. Creencias, actitudes y conocimientos en educación sexual. *Revista Médica de Chile*, v. 128, n. 6, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0034-9887200000600002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- FERREIRA, L. S. M.; GALVÃO, M. T. G.; COSTA, E. S. Sexualidade da adolescente: anticoncepção e DST/aids. *Revista Brasileira de Medicina: Caderno de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 57, (n. esp.), p. 8-19, Nov. 2000.
- FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Revista Texto & Contexto Enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 351-357, abr./jun. 2010.
- FREITAS, D. L. Pressupostos de uma formadora em educação sexual: lições da prática. *Revista Contexto e Educação*, v. 27, n. 88, p. 35-61, jul./dez. 2012.
- GOMES, W. A. et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v78n4/v78n4a09.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2012.
- GONÇALVES, B. D.; GODOI, C. M. B. Sexualidade e afetividade – o que é isto?. In: CARVALHO, A.; SALLES F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.). *Adolescência*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 61-82.
- LUNARDELLI, J. L. Anticoncepção na adolescência. *Pediatria Moderna*, v. 38, n. 8, p. 381-387, ago. 2002.
- MAHEIRIE, K. et al. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 3, p. 537-542, dez. 2005.
- MOIZÉS J. S.; BUENO S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n. 1, p. 205-12, mar. 2010.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MUZA, G. M.; COSTA, M. P. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 18, n. 1, fev. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000100033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para ação*. Uma declaração conjunta OMS/FNUAP/Unicef. Brasília: Ministério da Saúde, 1994.
- PAIVA, V. *Fazendo arte com a camisinha*. Sexualidades jovens em tempos de aids. São Paulo, Summus, 2000. 309p.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2014.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, N. G. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. *Estudos Feministas*, v. 12, n. 1, p. 109-129, jan./abr. 2004.

SAITO, M. I. Adolescência, sexualidade e educação sexual. *Pediatria Moderna*, v. 27, n. 1, p. 3-6, maio 2001.

SUPLICY, M. et al. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho D'água, 1999. 120p.

TRAJMAN, A. et al. Conhecimento sobre DST/aids e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, n. 1, p. 127-133, fev. 2003.

WALKERDINE, V. Popular Culture and the Eroticization of Little Girls. In: CURRAN, J.; MORLEY, D.; WALKERDINE, V. (Eds.). *Cultural Studies and Communication*. London: Arnold, 1996. p. 323-333.

Recebido em: 15/1/2014

Aceito em: 22/8/2015